

A alegoria da criação nos ofícios de Minelvino Silva

Edilene Matos
Universidade Católica de Salvador

Para a realização de um texto envolvendo em sua tessitura dominante a questão do imaginário, cujo campo de estudos tem se ampliado consideravelmente - da literatura à psicanálise, à filosofia, às ciências humanas e às chamadas exatas, enfim - numa encruzilhada antropológica, vislumbrar-se-á um “olhar semiótico” de ligações não tempestuosas entre as diversas modalidades de linguagem, partindo da incidência de mitos e lendas no imaginário dos poetas de folhetos, assentando Minelvino Francisco Silva, poeta popular baiano, como figura singular, a nível de narrativa e a nível icônico.

A literatura de folhetos traz em si referendados os traços que lhe conferem o caráter de oralidade, tendo como elemento de diferenciação a fixação sob impressão tipográfica, inserindo-se no que Paul Zumthor denominou “oralidade mista”¹. Foi, justamente, nessa forma de gênero oral que Minelvino Francisco Silva começou a exercer suas atividades de fazedor de versos, revelando-se um poeta de rico imaginar.

Minelvino Francisco Silva nasceu na Fazenda Olhos d'Água de Belém, município de Mundo Novo, Bahia, de propriedade de família judaica, em 29 de novembro de 1924. Filho ilegítimo de José Francisco da Silva e Hilária Maria de Jesus (conforme certidão de batismo), Minelvino foi criado em Jacobina, onde trabalhou como garimpeiro de ouro, diamantes e cristal, o que parece ter inspirado no menino sertanejo uma forma de recepção estética, mais tarde conduzida para a arte poética.

Em 1939, no intervalo de trabalho no garimpo de Cuia, viu o primeiro livro, exatamente um exemplar do folheto “()

pavão misterioso". Maravilhado com a estória ouvida da boca dos companheiros, Minelvino não mais se separou desse texto, através do qual se deu a sua iniciação ao "rito" da leitura. A partir daí, passou a se interessar pelos folhetos e confessa ter sido muito influenciado por João Martins de Athayde. Aponta o folheto *João da Cruz*, de Leandro Gomes de Barros, como o veículo detonador de sua religiosidade, que se acentuará mais e mais com as idas constantes à Romaria de Bom Jesus da Lapa e a dedicação à composição de benditos.

Atualmente, Minelvino é uma espécie de porta-voz dos romeiros, sempre atento ao menor sinal de abalo da escritura poética pelo elemento rítmico, o que vale dizer que não estabelece primazia do ritmo sobre o sentido. Nesta situação, a oralidade equivale a um ato litúrgico e os benditos são poemas feitos para rezar, e a boca que entoia o canto não é a boca ligada à ingestão de alimentos ou fator de erotização. É a boca como orifício para a passagem da esperança, utopia que se vislumbra no alvorecer do terceiro milênio. A romaria está assentada num suporte ideológico, através do qual se pode ler, escrever, cantar, enfim, se produzir culturalmente, apresentando a possibilidade da arte com um caráter lúdico, à medida em que se valoriza o significativo, que é a própria concreção da palavra.

Minelvino Francisco Silva ostenta, hoje, orgulhoso, o título de *Cantor do Bom Jesus*, concedido pela igreja daquela localidade do sertão baiano.

Em uma das muitas conversas que tive com Minelvino, ouvi dele a explicação para a sua alcunha de Trovador Apóstolo: "é que vi uma luz acesa diante de mim". Passei, então, a pensar nos mistérios que permeavam o imaginário desse homem simples, considerando-se um eleito, incumbido por Cristo da pregação do evangelho, conforme os doze discípulos e de maneira cantante ao modo do trovador.

Os múltiplos ofícios de Minelvino - fazedor de versos, tipógrafo, criador de benditos, xilógrafo - incluem-se no que Jerusa Pires Ferreira denomina a "grande força dos ofícios

tradicionais", acrescentando que "eles são os grandes vetores da tradição oral"². Num desses ofícios, o de poeta, Minelvino teve a sua aparição em 1949 quando teve publicado o seu folheto "A enchente de Miguel Calmon e o desastre do trem de água baixa".

A partir daí, produziu efusivamente e já consta como autor de aproximadamente 500 títulos, abordando vários temas, exemplificados aqui: folhetos de amor, folhetos de metamorfose, folhetos de encantamento, folhetos religiosos, folhetos de acontecido, folhetos de valentia, estórias de animais, folhetos moralistas, folhetos de louvação.

Escrevendo as suas histórias em sextilhas ou septilhas, Minelvino se considera um construtor de versos, um artesão que corrige constantemente os seus trabalhos, perseguindo as palavras e domando-as. A enunciação da palavra lírica como posse é assegurada por Julio Cortázar, quando afirma que o poeta toma a linguagem como algo que lhe é essencial, empregando-lhe um caráter de possessividade, o poeta recolhe em seu ser as essências que canta, conhecimento por agregação ontológica:

"... poesia é vontade de posse.
O poeta agrega ao seu ser as essências do
[que canta: canta por isso e para isso."³

Cortázar fala do conflito que se instala quando da posse da realidade pela poesia que engrandece o poeta como ser, contendo cada poema novas cintilações da realidade.

A possessividade, atingida pela verbalização, é bem demonstrada quando o poeta se apodera do real - espaço nordestino - e, ao possuir, transfigura-o pelo processo mimético. O momento da tomada do real pela poesia pode ser caracterizado como magia, e aí está o milagre da linguagem que surge como ponto de luz, irradiando a sua luminosidade. A linguagem de Minelvino flui rigorosa e naturalmente, permanecendo intocada pela sua própria força mágica. É como se fora tocada por uma varinha-de-condão, fica encantada:

*“O pássaro no mesmo vôo
fez uma volta no ar
aí cantou novamente
Não precisa se zangar
Moça do vestido azul
Comigo quer se casar?”⁴*

Entre os fazeres desse artista, está o de impressor, ele mesmo, de seus folhetos, trabalho que executa com muito cuidado. Minelvino conta:

*“Puxando a máquina de mão
Para o meu livro fazer,
Mas enchia a mão de calo
Se punha o braço a doer,
De noite estava cansado
Que só faltava morrer”⁵*

Da impressora manual, o poeta passa para a máquina de impressão elétrica. Passados alguns anos, um acidente com esta máquina danificou a sua mão. Era o ano de 1979. Três dedos ficaram inutilizados, mas Minelvino continuou a trabalhar com apenas dois dedos e aperfeiçoando, cada vez mais, a sua técnica.

*“No dia dez de outubro
Compus uma oração
Botei na máquina impressora
Para fazer a impressão,
Em vez de imprimir o papel
Errei e imprimi a mão.”⁶*

Respalhada em Victor Hugo para quem a ciência é antes de tudo saber, e acentuando que “a colossal máquina jamais está em repouso”⁷, anoto que a máquina de Minelvino não é tão somente aplicação para confecção de livros e matrizes de xilo, mas ela é o próprio símbolo da Ciência que fascina o ex-garimpeiro de Cuia. E essa máquina ocupa um lugar sagrado na casa do poeta - um cômodo especial, reservado do miolo dos

afazeres domésticos, longe dos burburinhos, espaço sagrado onde se dá a simbiose do poeta com a máquina, fonte de energização, onde Minelvino efetua a sua alquimia.

É justamente nesse santuário que Minelvino, de simples artesão, se metamorfoseia em artista, aproximando a criatividade do engenho, elaborando as suas xilos, xilógrafo que é de exímio ofício, considerado como introdutor desse tipo de expressão como ilustração para os folhetos populares da Bahia. Com serenidade, cioso da sua função, esse artista sabe manejar a goiva, tendo sido considerado por Dila, de Caruaru, em 1984, como *Príncipe dos Xilógrafos do Estado da Bahia*, título que expõe com o maior orgulho. Seus tacos veiculam um *fluir* de criações variadas, deixando vazar as intenções pela obra.

Todos os folhetos de autoria de Minelvino Francisco Silva trazem a sua assinatura na xilo que ilustra a capa, com exceção dos que foram publicados pela Lira Nordestina, como *O gigante da montanha mal assombrada*, que têm capas assinadas por Diniz, de Juazeiro do Norte, ou os da Luzeiro editora.

Isto ocorreu com grande parte dos folhetos publicados na Bahia, sobretudo nas décadas anteriores a 1980, quando eram mais freqüentes os seus contatos com a capital. Radicado em Itabuna, Minelvino batalhou pelos direitos dos poetas populares e, em 1956, apresentou um projeto à Câmara Municipal dessa cidade propondo a denominação de Rua dos Trovadores a uma das vias públicas de Itabuna. Foi lá que eu o visitei e é lá que reside, no número 591, ao lado de sua fiel Antonia e de sua cerejeira, que me mostrou com entusiasmo, ornamentando aquele pedaço de chão grapiúna, acostumado às plantações de cacau.

O saldo das suas criações é tão grande que existe a liderança continuada desse homem e que mantém certa desigualdade, na Bahia, pelo nível de excelência. Minelvino é uma espécie de catalisador, um demiurgo revelado pela força da criação.

N O T A S

- ¹ ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Amálio. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.18
- ² FERREIRA, Jerusa Pires. Fausto no horizonte. São Paulo: HUCITEC/EDUC, 1996. p. 79
- ³ CORTÁZAR, Julio. Valise de cronópio. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 101.
- ⁴ SILVA, Minelvino Francisco da. Estória do pavão encantado. Itabuna: edição do autor, 1975. p.4
- ⁵ IDEM. Os traços da minha vida. Itabuna: edição do autor, 1987. p.19.
- ⁶ IBID. p.21
- ⁷ VICTOR HUGO. In: CHAUVIN, Danielle. O Sábio, a máquina e o poeta romântico.(a ciência e o imaginário). Brasília, UnB, 1994. p.99.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- CORTÁZAR, Julio. Valise de cronópio. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 101.
- FERREIRA, Jerusa Pires. Fausto no horizonte. São Paulo: HUCITEC/EDUC, 1996. p. 79
- SILVA, Minelvino Francisco da. Estória do pavão encantado. Itabuna: edição do autor, 1975. p.4
- _____. Os traços da minha vida. Itabuna: edição do autor, 1987. p.19.
- VICTOR HUGO. In: CHAUVIN, Danielle. O Sábio, a máquina e o poeta romântico.(a ciência e o imaginário). Brasília: UnB, 1994. p.99.
- ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Amálio. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.18